Ao contrário do discurso dominante, hoje, em particular nos países ocidentais, a democracia está em crise. Não só porque, em muitos países, a democracia está a ser substituída por regimes autoritários, mas também porque, mesmo nos países onde a democracia parece estar consolidada, a democracia está a ser corroída por dentro. Em muitos países, a democracia está a ser corroída por dentro porque os políticos que ganham as eleições democráticas não estão comprometidos com a democracia. Em muitos países, a democracia está a ser corroída por dentro porque os políticos que ganham as eleições democráticas não estão comprometidos com a democracia.

Democracia para o individualismo liberal. Pela suprema ironia, o liberalismo em ligação com a democracia, que foi a sua mais poderosa criação histórica, está agora a ser minado em ligação com a democracia.

Mas a grande ameaça à democracia não vem apenas de dentro. Vem também de fora. Vem de países que não são democráticos, mas que estão a tentar minar a democracia em países que são democráticos. Vem de países que não são democráticos, mas que estão a tentar minar a democracia em países que são democráticos. Vem de países que não são democráticos, mas que estão a tentar minar a democracia em países que são democráticos.

Esta ameaça externa à democracia é muito real. Não é uma ameaça hipotética. É uma ameaça que já existe. É uma ameaça que já está a acontecer. É uma ameaça que já está a ter consequências. É uma ameaça que já está a ter consequências graves. Vem de países como a Rússia, a China, o Irão, a Coreia do Norte, a Síria, a Venezuela, a Bielorrússia, a Nicarágua, o Zimbabué, a Eritreia, o Sudão do Sul, o Iémen, a Líbia, a Somália, o Afeganistão, o Iraque, o Paquistão, a Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos, o Qatar, o Kuwait, o Bahrein, Omã, a Jordânia, o Líbano, a Palestina, Israel, a Turquia, a Grécia, a Chipre, a Malta, a Itália, a França, a Espanha, Portugal, a Irlanda, o Reino Unido, a Dinamarca, a Suécia, a Noruega, a Finlândia, a Islândia, a Estónia, a Letónia, a Lituânia, a Polónia, a Alemanha, a Áustria, a Suíça, a Bélgica, a Holanda, o Luxemburgo, a Eslováquia, a República Checa, a Hungria, a Roménia, a Bulgária, a Sérvia, a Bósnia e Herzegovina, a Croácia, a Eslovénia, a Macedónia do Norte, o Montenegro, o Kosovo, a Albânia, a Grécia, a Turquia, a Chipre, a Malta, a Itália, a França, a Espanha, Portugal, a Irlanda, o Reino Unido, a Dinamarca, a Suécia, a Noruega, a Finlândia, a Islândia, a Estónia, a Letónia, a Lituânia, a Polónia, a Alemanha, a Áustria, a Suíça, a Bélgica, a Holanda, o Luxemburgo, a Eslováquia, a República Checa, a Hungria, a Roménia, a Bulgária, a Sérvia, a Bósnia e Herzegovina, a Croácia, a Eslovénia, a Macedónia do Norte, o Montenegro, o Kosovo, a Albânia.

Esta ameaça externa à democracia é muito real. Não é uma ameaça hipotética. É uma ameaça que já existe. É uma ameaça que já está a acontecer. É uma ameaça que já está a ter consequências. É uma ameaça que já está a ter consequências graves. Vem de países como a Rússia, a China, o Irão, a Coreia do Norte, a Síria, a Venezuela, a Bielorrússia, a Nicarágua, o Zimbabué, a Eritreia, o Sudão do Sul, o Iémen, a Líbia, a Somália, o Afeganistão, o Iraque, o Paquistão, a Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos, o Qatar, o Kuwait, o Bahrein, Omã, a Jordânia, o Líbano, a Palestina, Israel, a Turquia, a Gréc